

**A ARTE DE E NOS CORPOS *QUEER* /TRANS:
COMO E POR QUE REPRESENTÁ-LOS**THE ART OF AND IN *QUEER*/TRANS BODIES: HOW AND WHY TO
REPRESENT THEMLA ARTE DE Y EN LOS CUERPOS *QUEER*/TRANS: CÓMO Y POR QUÉ
REPRESENTARLOS*Morgana Moon Megre Loureiro*¹

Resumo: Esse trabalho é um relato de experiência de uma oficina ofereci na UFF Campos (Corpos *queer*: como e por que representá-los), no dia 28 de junho de 2023. O campo das artes tradicionais por mais que seja um lugar em que possa marcar e registrar artes ao longo da História, pode ser também um campo de batalha, um campo de luta e de tentativa de representação. Muitos de nós artistas trans e *queers* ainda lutamos por um espaço dentro desse lugar em que chamamos de arte e muitos lutam para sair de um lugar à margem do prestígio, da visibilidade e principalmente de validação sobre o próprio fazer de sua arte. Arte e ilustrações que retratam corpos trans e *queer* desempenham um papel importante na representação e na promoção da diversidade, inclusão e, sobretudo, educação. Eu ofereci essa oficina para criar um espaço seguro em que possamos representar corpos *queers* que exploram a temática de questões de identidade de gênero, sexualidade e desafiando estigmas e preconceitos, promovendo uma compreensão mais ampla e compassiva da diversidade humana e principalmente sobre a experiência trans e *queer*.

Palavras-chave: *queer*; antropologia visual; artes; diversidade.

Abstract: This work is an experience report of a workshop I offered at UFF Campos (*Queer* bodies: how and why to represent them), on June 28, 2023. The field of traditional arts, despite being a place in which can mark and record arts throughout History, it can also be a battlefield, a field of struggle and attempted representation. Many of us trans and *queer* artists still fight for a space within this place we call art and many struggle to leave a place on the margins of prestige, visibility and especially validation regarding the making of their art. Art and illustrations that depict trans and *queer* bodies play an important role in representing and promoting diversity, inclusion and, most importantly, education. I offered this workshop to create a safe space in which we can represent *queer* bodies that explore issues of gender identity, sexuality and challenging stigmas and prejudices, promoting a broader and more compassionate understanding of human diversity and especially the *queer* and trans experience.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e ilustradora. E-mail: morg.illust@gmail.com

Keywords: *queer*; visual anthropology; arts; diversity

Resumen: Resumen: Este trabajo es un relato de experiencia de un taller que ofrecí en la UFF Campos (Cuerpos *queer*: cómo y por qué representarlos), el 28 de junio de 2023. El campo de las artes tradicionales, a pesar de ser un lugar en el que se puede marcar y registrar artes a lo largo de la Historia, también puede ser un campo de batalla, un campo de lucha y de intento de representación. Muchos de nosotros, artistas trans y *queer*, todavía luchamos por un espacio dentro de este lugar que llamamos arte y muchos luchan por dejar un lugar al margen del prestigio, la visibilidad y sobre todo la validación en la realización de su arte. El arte y las ilustraciones que representan cuerpos trans y *queer* juegan un papel importante en la representación y promoción de la diversidad, la inclusión y, lo más importante, la educación. Ofrecí este taller para crear un espacio seguro en el que podamos representar cuerpos *queer* que exploren cuestiones de identidad de género, sexualidad y desafiando estigmas y prejuicios, promoviendo una comprensión más amplia y compasiva de la diversidad humana y especialmente de la experiencia trans y *queer*.

Palabras clave: *queer*; antropología visual; artes; diversidade.

INTRODUÇÃO

As artes tradicionais englobam uma variedade de expressões culturais que têm sido transmitidas ao longo do tempo, preservando e afirmando identidades e os valores de uma comunidade ou grupo. Porém, o campo das artes tradicionais pode ser também um campo de batalha, um campo de luta e de tentativa de representação. Muitos de nós, artistas trans e *queers*, ainda lutam por um espaço dentro desse espaço que chamamos de arte e muitos lutam para sair de um lugar à margem do prestígio, da visibilidade e principalmente de validação sobre o próprio fazer de sua arte.

Arte e ilustrações que retratam corpos trans e *queers* desempenham um papel importante na representação e na promoção da diversidade, inclusão e sobretudo educação. Ao fazer ilustrações que exploram questões de identidade de gênero e sexualidade desafiamos estigmas e preconceitos, promovendo uma compreensão mais ampla e compassiva da diversidade humana e principalmente sobre a experiência trans e *queer* e a

expressão performática de corpos negados que se trans-formam à grandeza de corpos trans-formados, onde o intuito é o de, por meio dessa categoria, refletir sobre a trajetória de corpos trans enquanto arte, produtora de subjetivações através de performances e ações gestuais e reconhecimento de identidades. (Massilon; Carvalho, 2021, p.7)

Devemos então, ter um cuidado específico em reconhecer que cada pessoa tem sua própria experiência e identidade, seu próprio corpo, e as ilustrações que retratam

esses corpos trans e *queer* devem respeitar a individualidade e a diversidade de cada pessoa.

Mas o que é o *queer*?

O *queer* é liquidez, é fluxo, movimento, errância e metamorfose permanente. É processo sem telos. É avesso às políticas de representatividade, pois o que questiona é justamente a fixidez essencialista, normativa e colonial dos regimes de representação enquadrados no frame cis/heteronormativo.” (Peres *et al.*. 2021, p.1).

O termo *queer* tem uma história complexa e sua definição está em constante processo de mudança. O termo *queer* tem uma história complexa e sua definição está em constante processo de mudança. Originalmente, era uma palavra usada de maneira pejorativa para descrever pessoas LGBTQIAPN+ "Em inglês, já sabemos, o termo é ofensivo. “É como te chamam na escola quando zombam de ti”, explica a antropóloga norte-americana de origem latina, Marcia Ochoa" (Pelúcio, 2014, p.4). No entanto, ao longo das décadas, a comunidade LGBTQIAPN+ começou a apropriar-se do termo através de movimentos políticos, e da corrente teórica *queer* na academia. "Adotaram a ofensa, a identidade atribuída e nunca reivindicada, como seu lugar político: *queer*." (Pelúcio, 2014, p.4). Atualmente, *queer* é frequentemente usado como uma categoria inclusiva que abrange diversas identidades sexuais e de gênero que não se encaixam nas categorias tradicionais. Chamamos de um termo “guarda-chuva” por este motivo.

No âmbito acadêmico, a teoria *queer* se estabelece a partir dos escritos de Judith Butler (2003) com conceitos como performatividade de gênero e sobre suas análises do gênero *queer*, na teoria *queer* é proposto uma análise crítica das categorias tradicionais de sexualidade e gênero, buscando desconstruir binarismos, questionando a validade, a imutabilidade e normatividade compulsória das distinções entre masculino/feminino e heterossexual/homossexual. A teoria *queer*, assim, problematiza normas sociais estabelecidas, destacando a fluidez e a diversidade das experiências sexuais e de gênero.

Ao produzir essas formas de arte, é essencial abordá-las com sensibilidade, respeito e empatia, valorizando as histórias e vivências que esses corpos carregam em sua trajetória de TRANSformação e TRANSgressão. Essas ilustrações podem abordar temas como autoaceitação, empoderamento, identidade de gênero, expressão pessoal e luta pelos direitos LGBTQIAPN+. Ao retratar corpos trans e *queer* de maneira positiva e afirmativa, a arte pode contribuir para a criação de espaços seguros e acolhedores, permitindo que pessoas trans e *queer* se vejam representadas e se sintam valorizadas por

meio da arte, mas, como indagado por Rosa Blanca (2015) “Quem decide o que é uma arte feminista, lésbica, trans ou *queer*?” Essa é uma pergunta que talvez pareça difícil inicialmente de ser respondida, mas pensando sobre essa questão eu tive a ideia de fazer uma oficina de artes, de pessoas *queer*, sobre corpos *queer*.

Para isso, eu me baseei fortemente no trabalho de Thaiwan de Souza Leite (2020) e enfrentando o mesmo dilema que ele sobre uma antropologia das imagens ou em imagens. Ao contrário dele, opto pela primeira.

Uma “imagem” é mais que um produto da percepção. Surge como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva. Tudo o que comparece ao olhar ou perante o olho interior pode, deste modo, aclarar-se através da imagem ou transformar-se numa imagem. (BELTING, 2014, p. 21)

Pois eu acredito como artista *queer* e que produz ilustrações de corpos *queer* que ao dar protagonismo a essas pessoas e as instigarem a produzirem arte a partir de seu próprio entendimento sobre os corpos *queer*, a individualidade aqui se torna um pequeno recorte em que se constrói um grande coletivo de identidades. Espero que através das imagens produzidas nesta oficina fique evidente como é múltiplo e diverso o entendimento sobre o que é ser *queer* e como também são múltiplos e diversos os corpos *queer*. Busco não só me sensibilizar como artista, mas também romper com barreiras invisíveis de que artistas são pessoas “predestinadas” a arte, os artistas a meu ver são as pessoas em que enxergam na arte a potência de ser, e pessoas *queer* vivem isso em seus corpos todos os dias, espero com muita esperança de que ao jogarem seus corpos na tela e no papel, outres também possam entender essa perspectiva, pois “Estudar a arte significa começar a estudar *pela* arte” (João Valente Aguiar e Nádya Bastos, 2013).

ANTROPOLOGIA VISUAL

A antropologia visual é um ramo da antropologia que se concentra na utilização de métodos visuais e tecnologias de imagem para estudar e compreender culturas, sociedades e comportamentos humanos. Por meio de fotografias, filmes, vídeos e outras formas de representação visual, os antropólogos visuais buscam capturar e interpretar as complexidades das vidas e tradições das sociedades. A história da antropologia visual, por proximidade maior ou menor, é a da própria antropologia (Edwards, 2011; Grimshaw 2001, 2005; Griffiths 2002), então não cabe aqui um relato histórico sobre o

que é a antropologia visual e como ela surgiu, mas provavelmente a leitora ou o leitor pode conhecer alguns desses antropólogos que usavam da antropologia visual em seus trabalhos etnográficos como Bronisław Malinowski, Claude Lévi-Strauss, Edward T. Hall, Gregory Bateson, Margareth Mead, Elizabeth Edwards, David MacDougall, e esse são só alguns mais proeminentes nessa área.

Gostaria aqui de resumir brevemente um pouco da contribuição de duas dessas figuras da antropologia visual, sendo a primeira a antropóloga Elizabeth Edwards (2011), que desempenhou um papel significativo do desenvolvimento da antropologia visual. Seu trabalho aborda questões sobre a natureza das fotografias e das imagens, bem como seu papel na construção de narrativas culturais. Outra contribuição que eu gostaria de destacar é a de David MacDougall (1997), cujo trabalho enfatiza a ética e a responsabilidade ao utilizar a imagem como uma ferramenta etnográfica, contribuindo com reflexões críticas sobre como as imagens podem influenciar as comunidades retratadas – o que é significativo para meu trabalho no sentido de que a oficina abaixo descrita teve como meta promover experiências educativas de valorização da comunidade trans e *queer* através das imagens.

Através de suas contribuições, a antropologia visual continua a evoluir e aprofundar nossa compreensão da diversidade cultural e principalmente em instrumentalizar o nosso olhar sociológico e antropológico pra melhor compreender e analisar imagens produzidas, sejam elas fotografias, artes visuais, cinema, dentro outros. O já citado trabalho de Thairwan de Souza Leite (2020), desenvolvido como monografia de licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF Niterói), ao falar sobre a metodologia escolhida para tratar seu objeto, insere uma diferenciação importante entre *antropologia da imagem* e a *antropologia em imagens*, o que aqui retomo.

A antropologia da imagem é uma abordagem dentro da antropologia visual que se concentra especificamente no estudo das imagens, tanto fixas quanto em movimento, como fontes de dados etnográficos e como meios de expressão cultural. Ela busca entender como as imagens são produzidas, interpretadas e usadas pelas sociedades humanas em diferentes contextos culturais. Por muito tempo me debrucei nos estudos etnográficos digitais de Sarah Pink, que escreveu *Etnografia Digital* (2009), por ser uma artista que usa as plataformas digitais e também produz o que chamamos de “desenho digital”. Uma das principais questões para a autora é o fato de outras áreas das ciências

tentarem se apropriar desses estudos e afastar a antropologia do meio digital. Como explica Ferraz (2019), entretanto,

desprezar a condição digital no contexto da cultura contemporânea, a qual alastra-se em múltiplas esferas das relações sociais (se apresentando também como campo e/ou objeto de pesquisa) é ignorar o fenômeno social da nossa era e tornar perecíveis os métodos antropológicos tradicionais por supostamente não darem conta de explicar as culturas intoxicadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais. (Ferraz, 2019, p. 48)

Não é meu intento aprofundar na consolidação dessa área da antropologia, mas, sim, explicar brevemente como emerge o método que contribui para analisar as imagens produzidas na oficina. Para Sarah Pink, “as imagens não são apenas representações visuais do mundo; elas são elementos centrais na construção e comunicação de histórias culturais” (Pink, 2019) e devem ser analisadas com especificidade, responsabilidade e ética, tentando buscar entender todo o contexto de sua produção até o contexto de sua reprodução.

Já a antropologia em imagens, que forneceu o método que Leite (2020) utilizou em sua fotoetnografia para registrar uma trajetória específica dentro de um bairro de Volta Redonda-RJ, alinhando isso ao trabalho antropológico de “registrar, retratar, relatar a cultura [...]” (Achutti, 1997, p. 38), é explicada por Milton Guran (2011):

Quando produzida [a fotografia] por antropólogos no âmbito de uma pesquisa, [...] o olhar do autor já está instrumentalizado pela disciplina, tendo sido treinado para localizar e destacar aspectos do mundo visível que ensejam ou atestam questões de relevância metodológica (GURAN, 2011, p. 80).

Aqui podemos ver que o fazer etnográfico está ligado a uma instrumentalização prévia do olhar sociológico e antropológico, para, assim, gerar imagens que trariam uma reflexão delimitada de antemão pelo olhar, sendo a imagem um produto de *insight* do antropólogo.

No caso do meu trabalho, que envolve imagens artísticas que não só foram pensadas para passar uma mensagem, mas, também, para ilustrar um ou mais conceitos e representar uma cultura específica (cultura *queer*), a antropologia das imagens, que acompanha uma análise escrita da imagem produzida, foi o método privilegiado.

UM BREVE VISLUMBRE DOS BASTIDORES

Antes de chegarmos no dia em que se realizou a oficina, houve muita preparação pra que ela pudesse ser efetivamente realizada. No semestre de 2023.1, durante a disciplina de Oficina de Texto II, ministrada pela Profa. Dra. Jacqueline da Silva Deolindo, eu deveria produzir um texto científico, fosse ele um artigo, ensaio, pré-projeto ou até mesmo o relato de experiência, esse último sendo o mais próximo da minha intenção, pois já estava pensando em conciliar o fazer da arte e das ciências sociais. Eu já estava pensando em ofertar a oficina, mas foi durante uma conversa sobre como planejar e em qual espaço a atividade poderia se inserir, que optamos pela Semana de Ciências Sociais, que iria acontecer na UFF Campos naquele período. Com a oficina pensada e com o espaço cedido pela organização do evento, era preciso comprar materiais de pinturas, tais como telas, pincéis, tintas, folhas de desenhos e diversos tipos de lápis. Era necessário contemplar diversos tipos de formas de produção de arte, pois cada pessoa tem não só um método de produção, como também usa ferramentas diferentes pra produzir arte. Fui até o *shopping* Boulevard de Campos dos Goytacazes porque sabia que lá tinha uma loja bem completa que vende materiais de artes e papelaria. Ao chegar lá com apenas 100 reais no meu bolso, me deparei com aquele derradeiro momento onde precisava contemplar o máximo de pessoas que eu nem sabia exatamente como produziam as suas artes, mas que precisavam ser atendidas sem nem me darem de antemão as suas demandas.

Comecei a andar por aquela loja me vendo cada vez mais sugada pelo mar de possibilidades e tentando não me afogar nele, tentei me agarrar em coisas que eram essenciais na produção da arte. Me perdoem pela quebra de formalidade e expectativas aqui, pois se você, leitor, achou que a sua interlocutora já tinha tudo pensado, ido com uma lista de materiais escrita no papel, temo que vou ter que decepcioná-lo. Foi uma verdadeira batalha interna pra conseguir todos os materiais que eu achava que contemplaria a todes no dia da oficina. Por fim, acabei comprando seis telas de tamanho 15x20cm, dezenas de pinceis diferentes, intercalando entre pontas finas e algumas pontas mais grossas para preenchimento, uma caixa de lápis cuja fabricante já me escapa da memória, mas que tinha um macaco muito simpático e pintor na capa, uma folha de papéis específicos para desenho, pois sabia que nem todes iriam usar tela e tinta a óleo, e, por fim, comprei cerca de oito tons diferentes de tinta e um *thinner* (cuja finalidade é diminuir a grossura da tinta, se necessário).

Com os materiais prontos pra produção das artes no dia, eu precisava agora pensar em como preparar as pessoas, coloca-las em sintonia com a minha experiência como artista e também explicar a finalidade da oficina para quem iria comparecer. Pensei comigo mesma e, muito inspirada na minha professora Jacqueline Deolindo, produzi, tal como ela, *slides* com todo o conteúdo necessário para que pudesse tanto ter um auxílio visual durante a oficina, quanto para não me sentir desamparada ou sentir que esqueci de falar algo relevante para palestra que eu iria dar antes de efetivamente começarmos a produzir as artes. Com tudo idealizado e preparado, fiquei mais tranquila, mas, ainda assim, bem ansiosa (de forma positiva) para o dia da oficina.

O DIA DA OFICINA

No dia 22 de junho de 2023, eu me levantei me sentindo pronta e muito animada para a oficina, que foi realizada durante a XIII Semana de Ciências Sociais da UFF Campos, pela manhã, em conjunto com uma equipe voluntária de discentes da UFF Campos, que proporcionaram a sala, projetor, café, suco e algumas coisas para comer, além de ficaram de prontidão a ajudar em quaisquer pedidos e demandas que a oficina precisasse no dia. A equipe também contou com um fotógrafo, que registrou em imagens a oficina (imagens essas que também serão incluídas neste relato).

Ao entrar na sala, coloquei todo o material à disposição e instalei o projetor para exibir a apresentação da oficina na parede. Conforme foram chegando os interessades, eu perguntava quais os pronomes da pessoa, o nome, como ela ficou sabendo ou se interessou pela oficina e se ela iria utilizar desenho no papel ou se preferiria usar tinta e tela. Esperei cerca de 1h conforme mais e mais pessoas iam chegando e enchendo a sala da oficina, seguindo o mesmo modelo de boas-vindas. Atendia todes e pude conhecer um pouquinho de cada um e as suas expectativas. Quando deu 11h, eu resolvi que era hora de começar a apresentação da oficina e explicar um pouco sobre mim e minha trajetória pelas artes e ciências sociais.

O conteúdo foi em parte uma síntese do que foi apresentado no primeiro capítulo desse relato e também uma outra parte em que apresentei outros artistas trans e *queers*, que também fazem artes para o público trans, ilustrando corpos/pessoas *trans*. Um deles foi o Lune, artista *trans* masculino, que se apresenta como “Lunecornio” nas plataformas digitais, e outra foi a artista Miranda Souza, transfeminina, artista e atleta *trans* brasileira que agora mora e expõe suas ilustrações e esculturas em galerias de arte

na Finlândia. O meu intuito em apresentar tais artistas era inspirar quem estava na oficina, mostrando diferentes possibilidades através de diferentes estilos de desenho e de representações de corpos trans.

Percebi que isso foi uma coisa bem positiva posteriormente, pois eu também consegui trazer uma gravação em áudio de cada artista falando sobre o seu processo de arte, sobre ser um artista *queer* e também motivando a todes a buscarem se expressar através da arte, e alguns em específico disseram que os áudios e a minhas falas conseguiram romper com o “muro” no qual eu falei no primeiro capítulo, algo que impede, rotula e limita as pessoas em artistas e não-artistas. Logo depois de apresentar, conversar e mostrar exemplos de ilustrações, nós nos voltamos nesse segundo momento a efetivamente produzir as artes. Cada participante já estava em posse do seu material de escolha e eu, auxiliada pelo projetor, fiz uma ilustração ao vivo pelo computador, comentando e mostrando em plano aberto o meu processo pra ilustração. Dei dicas práticas sobre sombra, luz, pintura, contornos, mas, não somente isso, também falamos efetivamente sobre como representar uma pessoa trans, sobre os elementos que são caracterizantes desses corpos, formas de se entender e de se sensibilizar ao retratar uma pessoa trans. A tarefa passada, então, era, “pinte, desenhe, expresse o que você entende como um corpo *queer*”.

A partir desse momento, a oficina foi um pouco mais silenciosa, pois estavam todes concentrados em seus desenhos, mas pude observar várias trocas de experiências, sorrisos e um momento muito descontraído e de grande felicidade, muitos não tinham a prática de pintar uma tela havia muito tempo, pois não é uma forma muito acessível de produção de arte. Muitos disseram que foi um momento de se conectar consigo mesmo, ou com uma versão delus que faziam tempo que não acessavam, por causa da rotina ou por motivos pessoais. Nesse momento eu estava me sentindo muito realizada e pude perceber que também não parei de sorrir durante muito tempo, observando quem estava ali e também desenhando a minha obra. Senti que um dos objetivos da oficina estava se contemplando logo ali, bem diante dos meus olhos: criar um espaço seguro, descontraído e sem julgamentos para pessoas trans e artistas poderem praticar o fazer da arte ou talvez simplesmente existir e se sentir feliz fazendo algo que, antes, pudesse parecer distante e que agora se tornava uma realidade para todes ali presentes.

Às 11h50, eu tive que encerrar o momento de produção. Algumas pessoas ainda estavam dando seus retoques finais, mas muitos já tinham terminado e já estavam animados pra compartilhar as suas produções e sua experiência. Então, finalizando essa

segunda etapa, eu propus que sentássemos em círculo e que cada um fossem à frente e explicasse ou falasse sobre o que produziu e sua experiência como artista, pessoa trans ou simplesmente parte da oficina. Um a um, foram todos à frente, mostraram seus desenhos ou tela e, nesse momento, tivemos ótimas trocas de relatos individuais que ali se tornaram coletivos conforme cada um assimilava o que foi dito e trazia um paralelo ou até mesmo se identificava por ter passado pela mesma experiência. Ali, vi o meu segundo objetivo sendo realizado: tecer esse emaranhado de experiências e conectá-las através da roda de conversa. Ao fim da oficina, tivemos um momento para aplaudir, celebrando o final dela, mas também cada identidade ali presente, cada arte produzida e cada troca realizada.

AS ARTES PRODUZIDAS

Todas as artes a serem exibidas nesse relato foram realizadas durante a oficina ocorrida no dia 28 de junho de 2023, ofertada por mim na XIII Semana de Ciências Sociais da UFF Campos, “Corpos *queer*: como e por que representá-los”. As imagens serão aqui descritas tendo em perspectiva o relato de cada autor e minha própria interpretação. As obras foram registradas por uma câmera fotográfica levada por um dos participantes e todas as imagens estão sendo expostas sob autorização expressa e registrada de seus autores.

Figura 1 – Arte própria

Fonte: A autora.

Em minha ilustração, quis representar uma pessoa que se chama Kade Gottlie, um artista e *drag queen* cujo nome artístico é Gottmik. Kade é uma pessoa trans masculina AFAB (*Assign female at birth*, designado mulher no nascimento) e traz na sua arte *drag* um pouco de sua experiência como pessoa trans em relação a normas de gênero da sociedade.

Nesse desenho tentei representar tanto o feminino quanto o masculino ao mesmo tempo, com um dos lados mostrando a cicatriz da mastectomia masculinizadora (remoção das mamas por causa de disforia de gênero) e um dos lados com enchimento pra simbolizar um peito feminino. Eu acho que essa imagem representa muito sobre o que a teoria *queer* nos ensina sobre não haver limites para expressar identidade de gênero, muito menos normas, contrariando muito do *establishment* de uma sociedade cisnormativa. A arte foi produzida de forma digital no programa *Adobe Photoshop*.

Figura 2 – Arte produzida por participante da oficina - 1

Fonte: Acervo da oficina

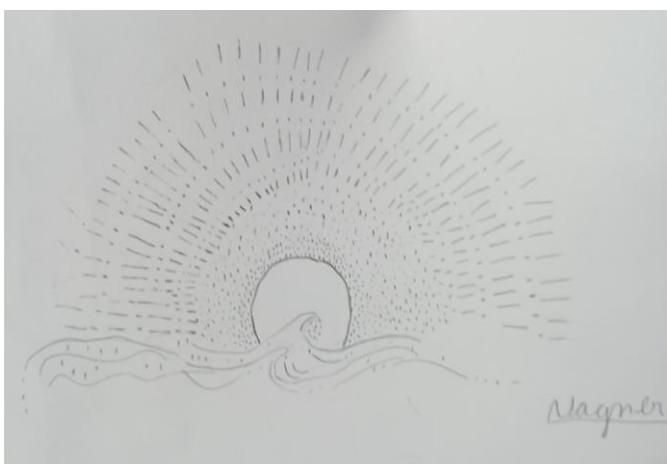
Aqui temos um idealismo de corpo trans segundo a autora, que tentou representar o que seria o corpo trans ideal, tanto lido por ela quanto pela sociedade. O triângulo invertido no lugar da cabeça da personagem representa a subversão, muito presente nos corpos trans, trazendo protagonismo ao corpo e não ao rosto. Podemos ver seios “femininos” e o pênis no mesmo corpo, trazendo a dualidade que um corpo trans pode carregar. Arte produzida em óleo sobre tela.

Figura 3 - Arte produzida por participante da oficina - 2

Fonte: Acervo da oficina

Aqui a artista trouxe a borboleta, pois a mesma disse adorar a figura e beleza desse inseto, que também carrega muito significado para pessoas trans, pois a borboleta traz também o elemento da metamorfose, da TRANSformação, se fazendo assim um grande símbolo dentro da comunidade *queer*, principalmente nos remetendo a TRASNformação dos corpos *queer* ao longo de sua existência e resistência. A arte produzida em óleo sobre tela.

Arte 4 – Arte produzida por participante da oficina – 3



Fonte: Acervo da oficina

O artista, que se identificou como uma gay não-binária, em sua arte tentou trazer algo íntimo, uma representação do sol, que aqui recebe o sentido de sua própria “aura”, que se expande, que ilumina e traz a vida através do próprio ser. Aqui podemos observar o corpo do artista tomando o protagonismo e um carácter simbólico. A arte produzida a lápis no papel A4.

Figura 5 – Arte produzida por participante da oficina – 4

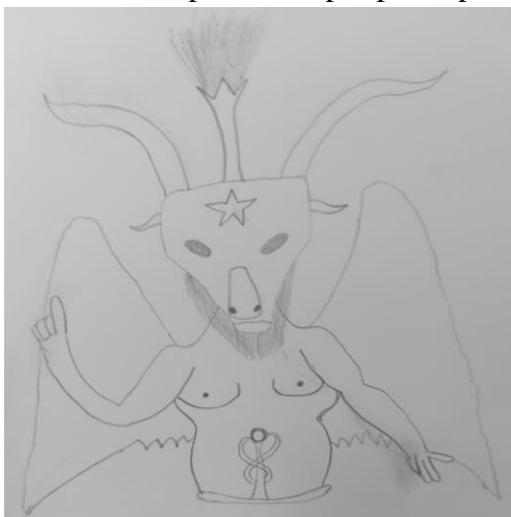
Fonte: Acervo da oficina

A artista aqui quis representar uma pessoa feminina negra, a artista disse que não conseguia descrever exatamente o que lhe inspirou, mas é um meio de desabafar e representar na tela esse desabafo. Pude observar também que é uma mulher careca, o cabelo é uma questão muito complexa dentro da comunidade *queer* e até na cisnormativa. Quando falamos de feminilidade e a artista opta por fazer uma representação de uma pessoa feminina careca, podemos observar também um caráter subversivo ao que é estipulado “normalmente” como o feminino. A arte é um óleo sobre tela.

Figura 6 – Arte produzida por participante da oficina – 5

Fonte: Acervo da oficina

A artista tentou se representar, mas, ao longo da pintura, percebeu que o que enxergava em si enxergava também em todes na sala. Pintou a árvore, que traz também movimento com folhas caindo, representando a constante mudança, e o tronco da árvore na cor vermelha, que representa a raiva, revolta, mas que, ao mesmo tempo, tem o sentido de força, amor, prazer. Podemos entender que sua obra diz que às vezes a gente se revolta, com a gente mesmo, com a sociedade, mas, que na medida em que isso ocorre, a gente se transforma e também encontra forças pra viver. A pintura é um óleo sobre tela.

Arte 7 – Arte produzida por participante da oficina - 6

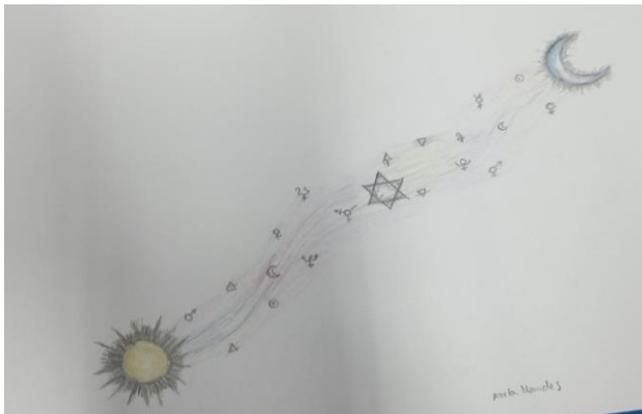
Fonte: Acervo da oficina

A artista aqui se identifica como uma pessoa transfeminina, adepta da magia, mas que, quando ouviu a proposta de representar corpos trans, diz que a primeira referência que veio à mente foi a figura de Baphomet, que representa a androginia, o feminino e masculino ao mesmo tempo, pois ao mesmo tempo em que possui seios, tem o corpo a parte inferior do corpo de um bode (representando aqui a dualidade e a contradição) e um cajado, que é entendido como um objeto fálico, trazendo elementos tanto do masculino quanto do feminino em uma só figura antropomórfica.

Neste ponto, é importante falar também da ligação da espiritualidade e da magia com o *queer*. Historicamente, as comunidades *queer* têm desafiado normas sociais e culturais, buscando formas de expressão e identidade que vão além das expectativas tradicionais.

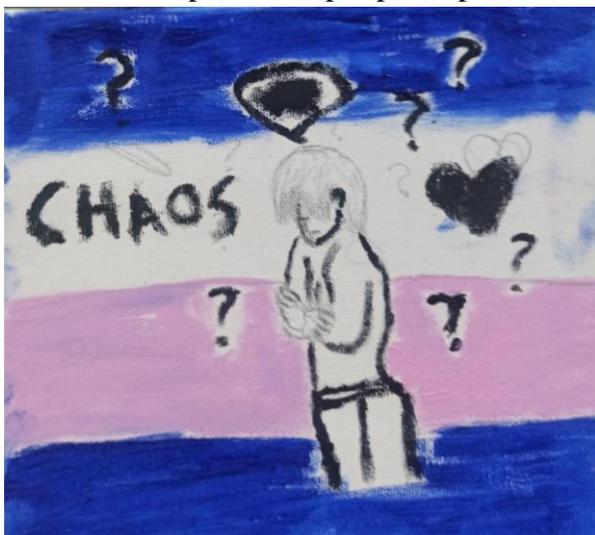
“Os estudos *queer* atacam uma repronarratividade e uma reproideologia, bases de uma heteronormatividade homofóbica, ao naturalizar a associação entre heterossexualidade e reprodução” (Lopes, 2002, p. 24). Em alguns casos, isso inclui a exploração de espiritualidades alternativas ou práticas mágicas que oferecem espaço para a expressão individual. Existe uma crescente participação de pessoas *queer* na construção do paganismo contemporâneo, como atesta Starhawk (2005, p.8), e cada vez mais em posições de liderança. Muitos sistemas mágicos e espirituais têm uma compreensão fluida ou não binária de gênero, o que pode atrair pessoas *queer* que buscam espaços inclusivos e acolhedores para explorar e expressar sua identidade de gênero, como mostrado em *Influência dos estudos queer no paganismo contemporâneo*, de Emmanuel Ramalho e Elton Amaral (2014), e também pela pesquisadora Sarah Thompson e colaboradores na coletânea *Gender and transgender in the pagan community* (Thompson *et al.*, 2012).

Devido à não aceitação aberta de homossexuais em diversas tradições religiosas e à valorização do corpo e da sexualidade no paganismo, houve uma grande adesão de muitos transgêneros, transexuais e homossexuais a grupos pagãos, o que contribuiu para ampliar as discussões sobre como sexo, gênero e preferência sexual afetam na magia, rituais, relacionamentos com deuses e deusas (Thompson *et al.*, 2012). A arte foi lápis sobre papel.

Arte 8 – Arte produzida por participante da oficina - 7

Fonte: Acervo da oficina

Aqui a artista quis representar com símbolos alquímicos a polaridade do masculino com o sol e do feminino com a lua. Quis também representar as intercessões com outros símbolos alquímicos, os planetas e os elementos em uma disposição misturada, trazendo essa energia de masculino e feminino, representando não apenas a polaridade, mas também sua validade, porque em nenhum aspecto do universo ela existe de forma isolada, nem nas cores, nem nas emoções e muito menos nos gêneros. A arte é lápis sobre papel A4.

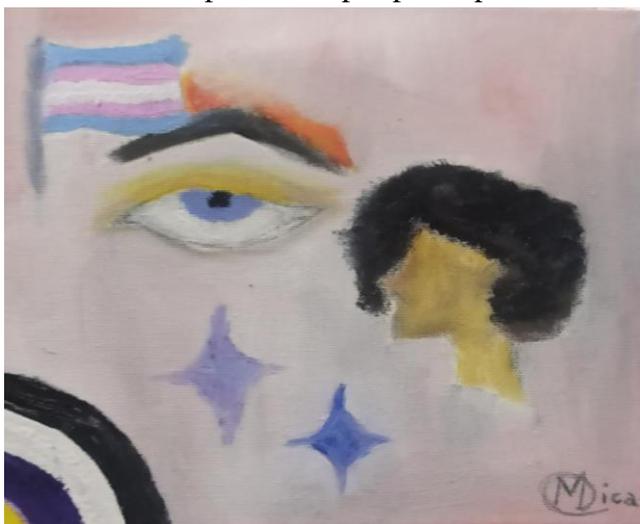
Arte 9 – Arte produzida por participante da oficina - 8

Fonte: Acervo da oficina

Nessa arte a artista representa a sua vivência como pessoa trans. “Quando eu era criança eu queria muito ser um garotinho, minha família percebia e fazia de tudo pra amenizar esses meus traços mais masculinos. Ao crescer, eu descobri que sou uma

peessoa trans não binária”. A artista, que deu esse depoimento na oficina, representa com sua arte o limiar entre feminino/masculino, mas expressa o desconforto que estereótipos e a leitura de pessoas cisnormativas fazem de pessoas *queer*. A autoaceitação em contraponto com a leitura errônea da sociedade aqui é demonstrada pelo desconforto físico da personagem ilustrada. A palavra “chaos” (caos) espalhada pelo fundo da arte faz parte de todas essas questões, com o corpo, a performance e as expectativas de uma sociedade cisnormativa. Nesta arte, percebe-se que o personagem tem muitas questões, dúvidas, assim como a artista que a pintou, em se mostrar para o mundo sendo gênero fluido. As mãos sobre os peitos demonstram o uso do *binder*, que é usado para diminuir o volume dos seios. Isso não quer dizer que pessoas trans rejeitam seus seios, mas que lidar com essas questões em um mundo cisgênero e hétero normativo cheio de estereótipos e preconceitos pode ser muito cruel, durante um constante processo de descobrimento. A arte é um óleo sobre tela.

Arte 10 – Arte produzida por participante da oficina - 9



Fonte: Acervo da oficina

Nesta obra, o relato acabou se perdendo, mas venho aqui, por meio da minha lembrança e análise, trazer um pouco do que foi apresentado pela artista. Nessa arte, podemos observar a bandeira da comunidade trans e as cores da comunidade não binária, representadas pelo branco, preto, roxo e amarelo. O rosto que está ilustrado representa a própria artista e sua característica marcante do cabelo cacheado. O olho representa os olhares da sociedade, significando vigilância ou até mesmo julgamento sobre as identidades alheias. A arte é um óleo sobre tela.

Arte 11 – Arte produzida por participante da oficina - 10

Fonte: Acervo da oficina

Nesta obra, o artista traz sua experiência com traços “sujos” da arte *punk* e referências do primeiro álbum da banda brasileira Ratos de Porão, “Crucificados pelo sistema”, junto com o questionamento “Quem matou o mundo?”. O artista responde que essa indagação já é algo que a comunidade *queer* sabe: quem matou o mundo tem gênero, cor e utiliza do “CISstema” para julgar pessoas não conformadas com o estabelecido como normativo. Também em um elemento simbólico, o artista traz no moicano do *punk* as cores vermelha e preta, que fazem alusão às cores da bandeira antifascista. Aqui o caráter *punk* traz a rebelião contra esse “CISstema” tanto nos corpos quanto nas atitudes. A arte foi feita com canetas esferográficas sobre papel A4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que me propus a desenvolver essa oficina, eu tinha objetivos claros a serem cumpridos, como criar um espaço seguro para pessoas trans se reunirem na UFF Campos para desenvolverem a produção de artes de pessoas trans e *queer* sobre corpos trans e *queer* e também me sensibilizar como artista e cientista social estabelecendo um contato direto com a comunidade à qual eu também pertencço. Concluo aqui que todos os meus primeiros objetivos se fizeram cumpridos, mas que também os resultados desta oficina excederam todas as minhas expectativas.

Eu tinha pressuposto que as artes iriam ser diferentes umas das outras e que isso reforçaria o meu ponto teórico sobre corpos *queer* e trans serem diversos e que ser uma

pessoa *queer* também traz significados diferentes para cada pessoa da comunidade. Isso foi demonstrado pelas artes produzidas, sendo essas com traços, simbolismos e elementos diversos, e, principalmente, com significados individuais diferentes, mas que se complementam e tecem um entendimento complexo de diversas identidades que são representadas sob a bandeira *queer* e trans, reforçando que a arte pode e deve ser uma grande ferramenta educadora e transformadora. Através da arte os presentes da oficina conseguiram se sentir não só representados, mas também realizados em participar da atividade artística.

Tenho que também reafirmar o carácter educacional dessa oficina, em que todes, não só quem estava à frente da mesa da palestrante, aprenderam através do material compartilhado, eu mesma aprendi muito e ampliei completamente os meus entendimentos sobre pessoas *queer*. É por isso que insisto aqui na importância de trazer o protagonismo do discurso das próprias pessoas pertencentes a essa comunidade, que é tão diversa, complexa e construída pelos sentidos que cada indivíduo traz para esse coletivo de identidades.

AGRADECIMENTOS

Gostaria aqui de expressar meus agradecimentos a todes que participaram da oficina, acredito que foi um momento especial nós (como muitos me falaram) e com toda certeza foi um momento muito especial para mim pela troca de experiências e pela troca artística.

Quero também agradecer em especial a Marcella Monteiro, minha namorada, que esteve presente em todas as etapas desse projeto, desde a elaboração até a prática.

Um grande obrigado à Profa. Dra. Jacqueline da Silva Deolindo, pelo incentivo e orientação para a realização desta oficina e desse trabalho. São essas pessoas que passam pela nossa graduação e fazem a gente não só acreditar no poder transformador da escrita, mas também em acreditar no nosso próprio potencial como pesquisadora e também como pessoa. Você é uma pessoa que faz muito, tanto em quantidade quanto em qualidade, é uma grande inspiração.

Um obrigado especial para minha mãe Rita de Cássia por sempre ter me ajudado durante toda minha vida e principalmente na graduação, dando toda a verba financeira e apoio para a realização desta oficina.

Obrigada à equipe que organizou a XIII Semana de Ciências Sociais da UFF campos: vocês foram ótimos.

Já estando aqui em lágrimas escrevendo esses agradecimentos, eu gostaria de deixar um último obrigado a todes as pessoas da comunidade trans e *queer*: vocês vão estar sempre entre as minhas maiores inspirações e espero que nossa caminhada, mesmo com todos os percalços, seja TRANSformadora não só para as nossas vidas, mas para todas as pessoas que nós tangenciamos com a nossa existência e resistência.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: Um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho.** Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca. 1997. 208 p.

BELTING, H. **Antropologia da imagem - Para uma ciência da imagem.** Lisboa, Portugal: KKYM, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

EDWARDS, Elizabeth (Ed.): **Anthropology and Photography.** Londres: Royal Anthropological Institute, 2011.

FERRAZ, Cláudia Pereira; SEGURADO, Rosemary. **A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online.** Aurora – revista de arte, mídia e política, v. 12 n. 35, 2019.

GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 7, n. 10, jan./jun. 2011. pp. 77-106

LEITE, Thaiwan de Souza. **A escola e o bairro: um percurso fotoetnográfico urbano a partir da Escola Municipal Rubens Machado em Volta Redonda - RJ.** 2020. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)-Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

MACDOUGALL, David. The visual in anthropology. In: BANKS, M.; MORPHY, H. **Rethinking Visual Anthropology.** New Haven: Yale University Press, 1997. p. 276-295.

PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado: estratégias cucarachas para não higienizar o *queer* no Brasil. **Iberic@ I: Revue d'Études Ibériques et Ibéro-Américaines**, Paris, v. 9, p. 123-136, 2016. Disponível em <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2016/05/Pages-from-Iberic@I-no9-printemps-2016-12.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2023.

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Dossiê. **Artes visuais: diálogos com os estudos feministas, trans e queer**. Jan-Apr, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WwqgCkQn3LmLKnJhYc8X7zG/?lang=pt> Acesso em: 26 dez. 2023.

THOMPSON, Sarah; POND, Gina; TANNER, Philip; OMPHALOS, Calyxa; POLANSHEK, Jacobo (org.). **Gender and transgender in the pagan community**. Cupertino: Circle of Cerridwen Press, 2012.

STARHAWK. *La danza en espiral*. Barcelona: Obelisco, 2005.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALÓS, Anselmo Peres; MOIRA, Amara; TAUFFER, Adauto Locatelli. Trans/identidades: literatura, cinema e outras artes em perspectiva comparada. *Rev. Bras. Lit. Comp.*, v. 23, n. 44, 2021.

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos).

HALBERSTAM, Judith. **In a Queer Time and Place**: transgender bodies, subcultural lives. New York: New York University Press, 2005.

HEILMAIR, Alex Florian; BAITELLO JUNIOR, Norval. **A imagem como outro do corpo**: considerações acerca da antropologia da imagem em Hans Belting e Dietmar Kamper. 3. ed. Universidade de São Paulo: Matrizes, 2019. 139-159 p. v. 13

HJORTH, Larissa e Pink Sarah. “**New visualities and the digital wayfarer: Reconceptualizing camera phone photography and locative media**”. In: *Mobile Media & Communication*, v. 2, n. 1, p. 40-57, 2014.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Interpretando a etnografia visual: imagens e a construção de significados antropológicos. *Teoria e cultura*, v. 15, n. 3, 2020.

ROCHA, E. R. de S.; OLIVEIRA, E. B. A. Influência dos estudos *queer* no paganismo contemporâneo. *Gênero & Direito*, [S. l.], v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/view/17400>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SILVA FILHO, Luís Massilon da; CARVALHO, Mário de Faria. O estado da arte das pesquisas sobre corpo, transexualidade e educação no Brasil. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 58, p. 330-340, 2021.